

INVASÃO

Trinta famílias moram no estádio abandonado que desde 1995 está sob administração de empresa privada. *Pelada* no gramado oficial é programa certo durante todas as tardes

Time de invasores no Pelezão

Kátia Marsicano

Da equipe do **Correio**

A vizinhança é boa, o local é tranqüilo e tem até luz. Apesar do excesso de sujeira, das moscas e dos ratos, os moradores garantem: lá é melhor do que se estivessem em qualquer outra cidade, “criando os filhos no meio da bandidagem”, como diz Maria da Conceição Lima, 36 anos, inquilina do estádio Edson Arantes do Nascimento — o Pelezão — há 10 anos. Ex-lavadeira do Brasília Esporte Clube, teve vários endereços pelo Distrito Federal até se acomodar no antigo vestiário inacabado dos jogadores.

Maria da Conceição calcula que outras 30 famílias estejam abrigadas no local. “Antes, as pessoas ficavam apenas nos vestiários, banheiros e bilheteria, mas agora tem barraco montado nas beiradas do muro”, diz. Alguns deles já foram vendidos por até R\$ 300,00.

Localizado ao lado de um grande supermercado e um shopping, pertinho do Guará, o Pelezão é disputado por gente que também quer uma vaguinha sob as marquises do estádio que, em 1965, foi construído para ser um dos melhores do Centro-Oeste, com capacidade para

Antônio Siqueira



CRIANÇAS FICAM EXPOSTAS A SUJEIRA E DOENÇAS NA INVASÃO DO ESTÁDIO

35 mil pessoas. De acordo com a Terracap, são 62,5 mil m².

Mas a obra nunca foi concluída. “Não é apenas o estádio que é abandonado. A gente também”, lamenta Edna Soares, 14 anos. “Só aparece alguém por aqui no Natal e no Dia da Criança”. Ela,

os pais e dois irmãos — que, como ela, também não estudam — moram no Pelezão há dois anos.

Grande parte dos invasores são famílias de sucateiros e catadores de papel. Crianças nuas e mal-cuidadas brincam com cavalos pelas dependências do

estádio. Nesse cenário de pobreza, a casa de Maria da Conceição é uma moradia de luxo. A construção tem paredes bem pintadas de azul, capacho na porta, televisão, som, fogão de seis bocas, forminho elétrico, geladeira e tanquinho de lavar roupa (que ela enche com baldes de água tirada da cisterna que abastece a comunidade). Casada com o pedreiro José Nonato, Conceição se orgulha de ter criado quatro filhos no Pelezão. “Sou feliz, afinal não tenho outra escolha”, sorri.

A calma habitual do Pelezão foi quebrada esta semana pela visita matinal da polícia, à procura de armas e de um bandido que, segundo souberam, estava escondido no Pelezão. “Acordei com uma pistola 765 no ouvido”, conta Agnaldo José de Matos com a filha Tamara, 2 meses, no colo. A casa de Antônio Carlos da Cruz e a mulher Valdelécia teve o cadeado arrebatado. “Quando voltamos do trabalho, estava tudo revirado”, conta ela.

PELADA

Mas, apesar da sujeira e da pobreza, os moradores do estádio Pelezão têm lazer garantido. Todos os dias, à tarde, a *pelada* no gramado é compromisso certo. “Isso quando o time do Dom Pedro e do

Brasília Esporte não aparecem para treinar aqui”, conta Paulo Sérgio, 16 anos, filho de Maria da Conceição.

Quando os pais de Paulo Sérgio se instalaram no estádio, ele tinha apenas seis anos. Cresceu com um campo de futebol oficial só para ele e os amigos. Hoje não apenas é o dono da bola na comunidade — pode ser uma promessa de um futuro jogador de futebol. Paulo Sérgio é roupeiro no Brasília Esporte Clube e já treina no Santa Maria.

O destino do Pelezão ainda está indefinido. O primeiro proprietário foi a Federação Brasileira de Futebol, que, na gestão do presidente Tadeu Roriz, em 1995, vendeu para o um grupo de empresas de Brasília, formado pela Paulo Octavio Empreendimentos Imobiliários, Via Engenharia e Sarkis. A transação custou R\$ 3 milhões. O projeto era transformar o primeiro estádio de Brasília em uma casa de show, como o Caneção, do Rio de Janeiro.

Segundo o diretor da Paulo Octávio, Marcelo Carvalho, o Pelezão não é prioridade do grupo, por isso não há qualquer projeto que o inclua. “Quando tivermos algo definido, iremos lá conversar com as pessoas e ver que destino poderão ter”, completa.